

Conta dos meus estudos e rezumo das memorias que tenho lido.**[1785]**

IAN/TT (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa), Arquivos Particulares, Abade Correia da Serra, Caixa 2A, A 23/ A 23A
2 f. [Caixa 2A, A 23]/ 1f. [Caixa 2A, A 23A]

[Caixa 2A, A 23]

Conta dos meus estudos e rezumo das memorias que tenho lido.

Oito memorias tenho tido a honra de apresentar à Academia e todas ellas relativas a Portugal; quando por outro modo não constasse, isto sò bastaria para indicar o objecto das minhas applicações. Não me arrependo de ter escolhido este assumpto, e posso dizer como o Harcourt de Mr. de Belloy diz no Siege de Callais

Plus je vis d'étrangers plus j'aimai ma patrie.

O que fomos, e o que podemos ser não hê dado a todas as nações, e mais nos comparo aos outros povos mais acho que se poucos brilharão tanto como nós pelo passado, muy poucas acharão em si tantos meios de sahir da mediocridade como nós quando o intentarmos.

A primeira memoria que apresentei foi sobre o tournesol ou croton tinctorium que nace espontaneamente em muitos lugares do Alentêjo, e agora posso dizer tãobem da Estremadura, esta planta hê hum ramo de comercio para as provincias meridionaes da França pela tinta azul que della se extrahê por hum metodo mui facil; não bastava te-la¹ observado, era necessario ver se dava a mesma tinta e pelo mesmo modo, porque a diversidade do clima faz muito para este fim, o fucus vesiculosus que em França e Inglaterra dà por meio de combustão hum alcali mineral dà em Portugal o sal marinho mais puro, para me não enganar provei o tournesol e o resultado foi o mesmo que em França deo com a mesma facilidade a mesma tinta, e este foi o assumpto da memoria.

A segunda foi sobre alguns monumentos antigos do nosso Reino relativamente à historia das artes, e independentemente do que elles significão como monumentos, examinei à parte o mecanismo da construcção das antas para colligir o estado das artes entre nós enquanto² fòmos barbaros, e comparando os monumentos de varias epocas depois da civilização de Portugal, pelo que toca a escolha dos materiaes, a elegancia do risco, ao mecanismo da construcção colligi que o tempo de dominação romana foi aquelle em que as artes florecerão mais na nossa Patria.

A terceira memoria foy acerca de hum ponto essencial da agricultura, a formação dos pastos artificiaes. Agora que as nações do Norte da Europa têm³ adoptado este metodo util a todas as

¹ *tella*, no manuscrito.

² *emquanto*, no manuscrito.

³ *tem*, no manuscrito.

Nota: De acordo com o seu conteúdo esta "conta de estudos" foi escrita em 1785. A quem se dirige este relato? A alguém que não assistiu à leitura das memórias, parece-me, mas quem?

Transcrição: J. C. S. Jesus, 2004

Referências: Teague, Michael comp. e introd., *Abade José Correia da Serra, Documentos do seu Arquivo. 1751-1795. Catálogo do Espólio*, Manuela Rocha trad. (Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, 1997), p. 71-97

Luzes, a experiencia lhe tem mostrado hum certo numero de plantas de que formão os seus prados artificiaes, e como já se fala entre nós de Agricultura, julguey necessario prevenir o risco que certamente haveria de se dezanimarem os agricultores que intentaram faze-los⁴ com estas plantas do norte e pelos methodos lá praticados quando virem que o clima e a terra correspondem mal às suas esperanças. A Historia Natural nos mostra que todos os animaes que empregamos vivem particularmente de duas familias de vegetaveis, a saber as gramineas e as papilionaceas, as cruciatas, as verticillatas, e as singenesiacas, são as familias que immediatamente depois destas lhes dão materiaes para o seu sustento, raras plantas de outras familias, e só em cazos de fome empregão para a sua nutrição. O meu assumpto nesta memoria foy lembrar quaes das infinitas plantas destas familias e sobretudo das duas primeiras, que nascendo naturalmente no nosso clima e nas varias qualidades de terras que em Portugal se achão, poderião ser empregadas para este fim sobretudo nos terrenos aridos e nos areaes. Depois de consultar o gosto dos animaes a quem havião de servir fixe[i]-me⁵ na anthyllis vulneraria de Linneo. Em huma excursão Botanica que depois da leitura desta memoria fiz nos arredores de Setuval, achei o lotus corniculatos crescendo vigorosamente nos areaes mais soltos mostrey-o aos animaes, que o comerão com infinito gosto preferindo-o a tudo. Enquanto⁶ a mim nem seis cronicas desconhecidas e preciozas mo podião dar maior.

A quarta memoria foy sobre hum ponto de Historia Natural que pode ser util, a existencia da puzzolana na Provincia da Extremadura. Expuz a sua utilidade para os edificios sobretudo na agoa e nomeey os lugares em que tinha observado, e as variedades de ella que ahí tinha encontrado, e como ella hê producção vulcanica faley nos vulcanos extinctos desta provincia, que são ate'gora cinco tres dos quaes me pertencem, a saber a Serra dos Servos na freguezia de Vialonga, a dos Remedios junto à Enxara, o castello de Leiria, a viagem pelo Alentejo neste anno me deu outros dois que figurarão a seu tempo.

A quinta memoria foy occasionada por 7 inscripções sepulcraes romanas que se acharão junto à⁷ Sé havia muito tempo que os sobrenomes do maximo numero de homens e mulheres cujas inscripções sepulcraes se encontrão em Portugal, me mostravão huma origem grega nas pessoas que os tinhão trazido, este reparo me tinha movido a inquirir na origem dos colonos que os Romanos cã estabelecerão, e na natureza e quantidade da povoação de Portugal naquelle tempo, e tinha achado com toda a certeza, que os romanos tinhão destruhido os naturaes do paiz, e suprido a sua falta com escravos aziaticos hellenic⁸ comprados qua[zi] todos na Cilicia que era a sua Guiné de então, e sobre tudo em Tarso que era a sua Loanda; como não sey que alguém antes o tenha dito, tomei ocazião das inscrever⁹ novamente achadas que pertencião a pessoas desta qualidade, para expor-vos o meo pensamento, e o resultado das minhas diligencias.

A sexta memoria que tive a honra de ler-vos em Mayo do anno passado¹⁰ foy sobre um assumpto da minha maior predilecção. Duas paixões tenho tido até'gora a que me não rezisto, a Historia da Natureza, e a de Portugal, ambas se achão unidas neste ponto. A estrutura física do nosso Reino, e o mecanismo das operações da natureza que lhe derão a forma, e a natural estrutura que elle agora tem. Apartey de mim sistemas e ipotesies, só a observação escrupuloza dos fossis e mineraes, da ordem com que estão postos, da configuração do Paiz, e as immediatas e necessarias consequencias do que vi e observey, me derão os materiaes pera esta memoria que não comprehende senão tres provincias do Reino. Na Primavera deste anno de 85 tive o gosto de as confirmar, e de ver novos objectos em 150 lagoas de paiz por onde dê volta. Qual será o meo gosto depois de ver todo o Reino, e ve-lo

⁴ fazellos, no manuscrito.

⁵ fixeme, no manuscrito.

⁶ Enquanto, no manuscrito.

⁷ a, no manuscrito.

⁸ Hellen., no manuscrito.

⁹ inscr., no manuscrito.

¹⁰ Logo, de acordo com o conteúdo da memória, em 1784.

miudamente, se poder dizer-vos, eis aqui a Historia da nossa Patria, começada não pela noticia dos primeiros que a habitarão mas pela Historia da origem e nascimento della mesma. Quando poderá isto ser? Mal sabe Portugal o que me deve de amor, de disvelos, e de zelo; poderá ter facilmente quem com mais talentos e com mais estudos se ocupe delle mas com mais paixão e energia isso não¹¹.

Vou fugindo das ideas que neste instante assomão, e passo a falar-vos na setima memoria que li acerca das ideas da Jurisprudencia Criminal que tinham os portuguezes nos primeiros tres seculos da Monarquia bem diversas das actuaes. O direito da revendita, e da guerra privada, a protecção das leis aos criminozos que recorrião ao auxilio então mais militar que civil dos senhores e del-Rey, o direito do fredum¹² e da calunnia¹³ como nas nações do norte, a verdadeira origem das cartas de seguro, bem diversa da que se acha nas Ordenações de Affonso V estabelecidas pelas Cortes de Elvas, a origem e natureza do jus encanti e das outras ideas daquelle tempo que sahirão igualmente do uzo e da memoria das gentes forão os pontos que provei nesta memoria por documentos e leis nunca ate'gora publicadas extrahidas da Torre do Tombo.

A viagem de Alentejo pelos mezes de Maio e Junho de este anno deo os materiaes para a oitava memoria em que expuz o que os cartorios de Aviz e da Serra da Ossa, e os lugares por onde estive me oferecerão de mais raro para a nossa Historia e como hà tão pouco tempo que tivestes a paciencia de ouvir-me, não tornarei a repizar as particularidades della.

Estas são as oito memorias que tenho apresentado à Academia e permitireis que com a confiança que a vossa bondade me dà, vos diga o meo desejo acerca dellas.

As tres memorias sobre os moradores do Portugal Romano, sobre a nossa primitiva Jurisprudencia Criminal, e sobre o que vi este anno nos cartorios do Alentejo, se por ventura se acharem capazes de entrar nas actas da Sociedade, estimarey muito receber essa honra, pouco maior perfeição poderião receber de ulteriores demoras.

A memoria do tournesol deitava que fosse por extracto porque o que nella hà de novo hé a existencia da planta entre nós¹⁴, e o poder-nos ser util pelo mesmo modo que o hé aos franceses, o methodo que segui hê o já conhecido, e basta indica-lo¹⁵ hê escuzado repeti-lo¹⁶.

Enquanto que as outras a da formação e estrutura fisica do Reino rezervo-a para o corpo da Historia a dos monumentos pelo que toca às artes, e a dos prados artificiaes não se podem julgar perfeitas sem ver o resto do Reino que ainda não vi, e a da puzzolana poderá receber maior grão de perfeição sujeitando-a às experiencias partindo dos principios que com tanta sciencia estabeleceo Bergman sobre a cauza da maior ou menor adhesão que ella faz em rezão dos graos de deflogisticação em que se acha.

Pelo que respeita aos meos estudos privados, vòs vedes o fim a que se dirigem, e quanto aos progressos que nelles por ventura tenho feito, melhor vo-lo mostrarà o tempo, se as circunstancias futuras me não cortarem os meios de executar o que intento, e de aperfeiçoar o que já està começado. A nossa Historia Civil, a nossa Historia Natural, e os documentos de¹⁷ monumentos, fenomenos etc.¹⁸ que a illustrão sahirão a Luz, e prometo-vos que nada seja por ditos alheos, mas só pelo que eu mesmo vir e examinar.

¹¹ Itálico nosso.

¹² Freda, coima ou multa paga por aqueles que quebravam a paz estipulada. António Morais da Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed. rev. e aum., vol. V, s. l., s. d., p. 329.

¹³ A leitura desta palavra oferece algumas dúvidas, já que parece estar escrito *calupnia* ou *calupaia*.

¹⁴ *nos*, no manuscrito.

¹⁵ *indicallo*, no manuscrito.

¹⁶ *repetillo*, no manuscrito.

¹⁷ A palavra encontra-se riscada.

¹⁸ Correia da Serra colocou entre parêntesis o seguinte texto, não o riscando como costuma quando faz correcções de estilo aos seus textos: (*que eu poder alcançar sahirão à luz, e a reflexão, comparação, a crítica*).

[Caixa 2A, A 23 A]

Observações sobre o Turnesol da Provincia de Alentejo.

Observações sobre os monumentos antigos relativamente à Historia das artes em Portugal.

Tentativas e observações para o fim de aver prados artificiaes propios do nosso paiz.

Observações sobre a puzzolana da Estremadura.

Observações sobre a formação e estructura fisica de Portugal.

Observações sobre o Portugal Romano.

Observações sobre os principios da Jurisprudencia Criminal dos primeiros seculos da Monarquia.

Observações historicas feitas em huma viagem de Alentejo em 1785.